

A REDEMPÇÃO

FOLHA ABOLICIONISTA, COMMERCIAL E NOTICIOSA

Redactor-chefe Dr. Antonio Bento

SAE DOMINGOS E QUINTAS

NUMERO AVULSO 60 REIS

ANNO I

REDAÇÃO
11—RUA DA ESPERANÇA—11
Propriedade de uma Associação

S. Paulo, 20 de Janeiro de 1887

ASSIGNATURAS
CAPITAL E PROV. POR MEZ 500 Rs.
Pagamento adiantado

N. 6

A REDEMPÇÃO

S. PAULO, 20 DE JANEIRO DE 1887.

A situação e os abolicionistas

II

A união de todos os abolicionistas no parlamento e nos comícios eleitoraes para organizar a liga nacional libertadora, é tarefa imprescindível ao restabelecimento da fraternisação e concordia entre todos os brasileiros.

O aspecto da nossa patria não é o de uma nacionalidade régida ha mais de meio seculo pelo systema constitucional representativo.

O paiz está dividido em conquistadores e conquistados.

A autoridade publica não é um elemento de organização social e politica servindo de garantia geral, como representação da justiça pela rigorosa execução da lei.

O arbitrio invadiu todas as esferas da vida social, alargando os dominios da oppressão, tanto quanto o exijam as conveniencias do sordido interesse ameaçado.

A questão do elemento servil offerece quatro aspectos depois das tentativas de extincção do trafico, pelas burladas medidas repressivas de 1850.

O primeiro é o da limitação da instituição aos elementos existentes, sem possibilidade de reprodução pela libertação do ventre.

O segundo é o da mystificação dos princípios do direito positivo que regem

a lei—Saraiva

O terceiro é a reacção contra as liberdades adquiridas, dando-se á escravidão, de simples facto existente, a categoria de direito, pela manifesta violação da reforma judiciaria e o conflicto geral do governo com todas as instituições do paiz—senado, magistratura, exercito e armada, no intuito de manter a ordem a bem da instituição maldita.

O quarto é o da transição, em que o partido conservador parece querer disputar os seus foros de reformador, dando aos liberaes a missão de agitadores imprudentes, condemnados á eterna tutela dos homens da ordem e da experiencia.

FOLHETIM

(6)

STOWE

A CABANA DO PAE THOMAS

CAPITULO TERCEIRO

Esposo e pae

—Oh! que satisfação tenho de te ver! Mas porque estás tu tão sério? Não olhas se quer para nosso filhinho! Vê como elle te contempla! (A criança, com effeito, olhava timidamente para o pai, agarrando-se ao vestido da mãe.) E cada vez mais gentil! diz Eliza, separando da frente os annellados cabellos do filho, para melhor o beijar.

—Praza aos céos que elle nunca tivesse vindo ao mundo! respondeo Jorge, com amargura; oxalá que eu tambem não tivesse nascido!

Surpresa anciosa, Eliza assenta-se; encosta a cabeça sobre o hombro de seu marido, e os olhos se lhe arrasam de lagrimas.

—Minha Eliza, sou bem cruel de te falar assim! diz elle com ternura. Oh! porque me conheste tu? Sem mim, podias ser feliz!

—Jorge! Jorge! não digas isso! Que é que aconteceu de tão terrivel? que é que nos amarga? Meu Deus! Temos sido tão felizes até agora!...

—Sim, temos sido bem felizes, minha querida!... E pensando o filhinho entre

Continuar, portanto, a appellar para o principio da disciplina partidaria, é recorrer a um sophisma grosseiro que não pôde impressionar intelligencias lucidas e habilitadas pelo estudo historico de instituição, a comparar os resultados de sua infernal pertinacia em outros paizes, com os miserandos esforços que entre nós envida para prolongar a sua existencia.

Os escravocratas, para dividirem as classes opprimidas pela escravidão, fanteiam a existencia de *partidos regulares* e repartem-se nelles unicamente, para impedirem a união nacional em nome do direito, contra a colligação pagá em nome do interesse.

A escravidão está por todos nós condemnada, dizem os escravocratas; somos, porém, emancipadores, o que nos distingue dos abolicionistas que são revolucionarios!

Não queremos a abolição immediata, porque é preciso attender *aos interesses economicos*.

Toda a dificuldade está no modo de realisar-se a *substituição* do braço escravo pelo braço livre.

O que nos assusta é a *desorganisação do trabalho*.

E' exactamente estudando a escravidão pelo lado da economia social e politica, que os abolicionistas concluem pela sua necessaria e immediata extincção.

O que é o trabalho economicamente fallando?

A' escravidão cumpre defini-lo, defendendo a *ociosidade* do proprietario, para que possamos estudar a sua doutrina.

Não se contenta com a denuncia, recorre á descripção fundamental elaborada por um distincto escriptor.

«O trabalho é a *lei fatal* da humanidade.

A providencia collocando o homem no seo de todas as riquezas, em presença de uma natureza fecunda, que se presta a fornecer-lhe a alimentação, a habitação e o vestuario *subordinou o gozo destas antecipações gratuitas* ao exercicio de sua actividade.»

No regimen da escravidão os *homens* mudam do destino para que Deus os creou, e perdem os direitos de sua personalidade.

A lei fatal do genero humano é completamente alterada!...

os joelhos, contemplou longamente seus grandes olhos pretos, passando os dedos por entre seus lustrosos cabellos.

—É o teu retrato, minha Eliza! e tu és a melhor e a mais bella creatura que teinho conhecido! Mas para que permitio Deus que nós nos encontrassemos?

—Oh! Jorge! é possível que falles assim!

—Sim, Eliza; tudo é miseria, miseria, miseria neste mundo para com alguns!... A minha vida é amarga como o fel! sou um malhadico da negra sorte, a quem toda a esperança é vedada!... Arrastar-te na minha ruina, é o que de mim tens a esperar! De que serve trabalhar, aprender, procurar ser alguma coisa? De que serve viver? Oh! que bem vinda seria a morte!...

—Oh! meu caro Jorge! como é mal o que dizes!... Bem sei que tens soffrido com a perda do teu lugar na fabrica, e que teu senhor é bem duro para contigo; mas tem paciencia, eu t'o peço! Quem sabe? talvez...

—Paciencia! diz elle, interrompendo-a. Não a tenho eu tido? Disse por ventura alguma coisa, quando elle veio, sem razão, arrancar-me do lugar aonde todos me estimavam? Dei-lhe fielmente conta dos meus ganhos até ao ultimo real, e não havia ninguém que não elogiase o meu trabalho.

—É horrivel, sem duvida, diz Eliza, mas que remedio, se elle é teu senhor?

—Meu senhor!... E de que direito é elle meu senhor? Eis o que eu queria que me dissessem. Quaes são os seus direitos sobre mim? Não sou eu um homem como elle? Valho mais do que elle;

Uns trabalham sem *nada adquirir*, outros tudo adquirem *sem trabalhar*.

Quem contestará, pois, ser a escravidão a negação e desorganisação do trabalho economicamente entendido, e da co-existencia social, pela manifesta desigualdade, creada não pela diversidade de aptidões dos homens, mas pela existencia de uma instituição contraria á natureza humana?

Portanto, se ha escravocratas e abolicionistas, em todos os partidos, e a luta é entre o interesse e a justiça, o paganismo e o christianismo, o programma do dr. Joaquim Nabuco, de fendido por José Bonifácio em seu notavel discurso de 10 de Abril de 1885, pedindo a união de todas as classes soffreloras, é a unica solução que consulta os interesses nacionaes e encara patrioticamente o aspecto actual da nação.

FRANKLIN

Restauração das competencias

Os deputados provinciaes Oliveira Braga Filho, Silveira da Motta e Candido Rodrigues apresentaram hontem um projecto á Assembléa Provincial, propondo a revogação da *inconstitucional lei n.º 36* de 7 de Julho de 1869, sendo fundamentada pelo primeiro.

O illustre representante do patiotico eleitorado de Santos é de todo o 6.º districto demonstrou que, estabelecendo o § 1.º de Art. 6.º da referida lei a gratificação de 10000 para cada um dos individuos que effectuarem prisões de escravos, e de...

policias quando a captação do escravo se effectuar por *patrulhas*, legislou sobre materia *mais ampla* do que a das attribuições das Assembléas Provinciaes, excitando na policia a *ganancia* pelas gratificações, distraindo-a do serviço da prevenção de crimes e vigilancia social, transformando a em *mercenarios* das fazendas. Invocando a opinião manifestada pelo imperador em sua recente excursão por esta provincia de ser a lei inconstitucional, pelo que *não devia ser observada*, levando sua franqueza até *cenurar positivamente* as autoridades policiaes que conservavam escravos fugidos nas cadeias, declarou contar desde já com o *apoio* da bancada conservadora que, *amiga*

conheço melhor os negocios do que elle; sou melhor administrador do que elle; leio, escrevo melhor do que elle, e tudo o que sei não o devo a elle; aprendi-o eu só, e até contra sua vontade! De que direito pretende elle agora empregar-me como uma besta de carga, arrancando-me a occupações que elle não saberia desempenhar tão bem como eu, querendo que trabalhe mais do que um cavallo, dizendo que é para me humilhar?

—Jorge, fazes-me estremecer! Nunca te ouvi fallar assim! Receo o que te tens deixado arrastar a alguma terrivel cousa!... Compreendendo o que sentes; mas se prudente, eu t'o peço, por amor de mim, por amor do nosso Henrique!

—Tenho sido prudente, tenho sido paciente, quanto tem sido possível sê-lo; mas a situação pedra de dia para dia. O tyranno estrepita todas as occasiões de me insultar, e de me humilhar! Pensava que, executando inteiramente as enormes e degradantes tarefas de que me encarrega, poderia ahar depois um momento de descanso, que podesse consagrar á leitura e ao estudo; porem, mas elle vê que eu faço, mais me carrega sobre as costas! Posto que não exhale uma só queixa, pretende que sou possessivo, e que me quer fazer sahir o diabo do corpo; mas que t'ome conta consigo! Um destes dias o diabo me sahirá do corpo, sim, pore-n d'um modo que lhe não ha de ser muito agradavel, seguindo me parece!

—Oh! meu Deus! que será de nós? exclama dolorosamente Eliza.

—Ainda hontem, estava eu a carregar um carro de pedra, quando o filho veio

de Sua Magestade, não perderá agora occasião de dar uma prova irrecusavel do quanto sabe *acatar* e *respeitar* as opiniões do sabio monarcha.

O orador foi constantemente interrompido por apertes de *escravocratas liberaes*.

Sectarios da abolição immediata, cumprimentamos cordial e respeitosa-mente os tres illustres deputados da *resistencia liberal* que hontem assignallaram e definiram a sua posição politica acompanhando a *grande maioria real do partido liberal*, que não entendem, como os chefes do liberalismo de contrabando, que se deva trans gir com a questão do elemento servil adiando-a até á solução pela morte, sobre pretexto de congraçamento de forças dispersas por *heterogeneas*.

Fazemos ardentes votos para que, caminhando de desillusão em desillusão, convençam-se todos os abolicionistas, de que a nossa união sem *côr partidaria* em opposição á *colligação* de todos os escravocratas, é a unica organização inspirada pelo amor da patria e pelos sentimentos de justiça.

Sete liberdades

Afirmam jornaes que o honrado coronel Domingos Sertorio no dia 15 reunira seus escravos e os de sua exma. irmã, e dera liberdade a todos sem condição alguma.

O coronel Domingos Sertorio é solteiro e adquiriu á força de trabalho a excellente fortuna que tem...

A infeliz Delfina, preta velha, com o fructo de seu trabalho, libertou-se dando a quantia de 400\$000 aos herdeiros do fallecido barão do Rio-Claro.

Desde esta epocha até hoje Delfina, sempre trabalhando, conseguiu formar um peculio para libertar seu filho Sebastião Lemes, escravo do herdeiro e successor do barão do Rio Claro, o sr. conde de Tres Rios.

Este concedeu a carta, fazendo questão da infeliz preta dar a quantia de 800\$000.

Perguntamos nós:

Que tem mais merecimento? Delfina, essa pobre preta velha e cançada que trabalhou tantos annos, ajuntando migalhas para libertar o seu

impacientar o cavallo, fazendo-lhe estalar aos ouvidos um chicote que trazia na mão. Pedi-lhe polidamente que cessasse o seu brinquello; mas não fez caso do meu pedido. Renovei as minhas instancias, e a sua resposta foi: lavar-me á cara de chicotadas! Procurei então tirar-lhe o chicote das mãos, e elle foi dizer ao pai que eu lhe tinha batido. Este, furioso, veio contra mim, dizendo-me: eu te farei ver quem é teu senhor! E atando-me á uma arvore, foi buscar umas poucas de varas delgadas, que metteo na mão do filho, dizendo-lhe que me açoitasse em quanto elle tivesse forças para isso, o que elle com effeito executou. Mas espero fazer-lh' o ainda lembrar um dia!...

E as sobranceiras do mancebo se uniram uma á outra, e seus olhos lançaram chamas, que fizeram estremecer a pobre mulher.

—De que direito é elle meu senhor, é o que eu quero saber? exclama Jorge.

—Mas, diz tristemente Eliza, sempre pensei que era necessario obedecer a seu senhor, e á sua senhora, e que sem isso não se podia ser christão.

Quando a ti, isso comprehende-se; tens senhores criação-te co.ao sua propria filha; por isso seus direitos sobre ti são sagrados. Mas eu, que só tenho sido injuriado, batido, abandonado, que devo eu a meu senhor? Não me tenho e resignado e em vezes pelo meu trabalho? E te não que isto acaba; que o sahir d'este estado, sei por que me molha! Ex-lama elle com ar aneiga lór e ené-gico.

Eliza ficou silenciosa, e tremendo. Nunca tinha visto seu marido em tal estado, e a sua doce natureza parecia ver-

filho ou o nobre e poderoso homem que sem trabalho adquiriu uma fortuna immensa e que não sabe fazer bem aos infelizes?

Si Sebastião Leme fosse escravo de um coronel Domingos Sertorio, não precisava a sua mãe fazer tantos sacrificios para libertar-o.

Amanha o coro el Domingos Sertorio, esse benem-rito cidadão, passará pela rua da Imperatriz a pé, vestido modestamente, e será preciso tirar o chapéu para que os transeuntes o cumprimentem; e o conde de Tres Rios passará em um carro, puxado por immensos cavallos, repimido dentro d'elle carro, será cumprimentado por todos que passarem sem dignar-se a tocar no chapéu.

Este mundo é assim mesmo

A escravidão

IV

Desappareceu a escravidão na Europa, mas veio ella reaparecer, precedida de todas as suas misérias e infamias, na America, onde a falta de trabalhadores livres, a dificuldade de obter os na Europa, e a abundancia das riquezas naturaes, incitaram os portuguezes a estabelecer o trafico de escravos africanos.

Alguns autoes, porém, attribuem ao bispo de Chiapa, o virtuoso Las Casas, a primeira idéa da escravidão de africanos, porque...

facilitaria a conversão ao Christianismo de povos idólatras.

Mis o que é verdade é que esse bispo apenas recommendou o trafico, na esperança d'aquelles beneficios, mas não foi de modo algum o iniciador d'elle, pois que ha muito tempo que os portuguezes já o faziam.

Foi no seculo passado que começou a desenvolver-se a idéa abolicionista, taes eram os horrores e as infamias do hediondo trafico.

Foram os philosophos e os economistas do seculo 18', Turgot, Montesquieu, Raynal, Condorcet e outros que tiveram a gloria de sublevar a opinião publica contra a escravidão dos negros.

Pela mesma epocha, na Inglaterra, nasceu tambem a mesma idéa, principi-

gar como um junco ao sópro d'esta violenta tempestade.

—Não te lembras do cósinho que me destes, de Carlo? Era a minha unica consolação depois que ha ia deixado a fabrica; dormia a pé e me durante a noite, seguia-me de dia, sem nunca me perder de vista, como comprehendendo o que eu soffia!

Pois ultimamente, estando eu a dar-lhe alguns miseraveis restos que tinha apanhado á porta da cozinha, passa o meu verdugo, que começa logo a vociferar, que eu su-tento o meu cão á sua custa, e que se cada um dos seus escravos se lhe mettesse na cabeça, fazer outro tanto, a sua fortuna não seria sufficiente para isso. Ordenou-me, por consequente, de atar um pé de pedra ao pescção do meu cão, e de o lançar ao rio.

—Oh! Jorge! espero que tu não foses capaz de fazer tal?

—Não mas fê-lo elle, acompanhado de seu filho; aprelheando o pobre animal até o verem afoga-lo! Carlo drigia para mim sem olhar afflictivo, parecia-lhe perguntar-me porque era que eu não succorria!... Fui ainda machado de paucadas por não ter obedecido á barbara ordem de matar o meu pobre cósinho!

—Não importa! Elle já deve saber que não sou d'aquelles a quem o chicote domestica, e submitta! O meu dia virá... e...

—Quaes são os teus projectos, Jorge? Ah! não te deixas a rastrear a algum acto criminoso! Confia em Deus, que te não abandonará.

(Continúa)

palmente entre a seita dos quakers. Em alguns Estados da America do Norte observou-se igualmente a mesma tendencia.

Os abolicionistas de então invocaram, uns, o direito natural e a economia politica, e outros, a justiça e a religião.

Duas foram as medidas principais, tomadas para encaminhar a abolição da escravidão:

1.ª, prohibição de transporte e commercio exterior de escravos; 2.ª, certas nações, especialmente a Inglaterra e a França, aboliram a escravidão em suas possessões.

Taes foram os esforços e influencia de Granville Sharp, Clarkson, Wilberforce e Charles Fox, em favor da abolição dos escravos, que os soberanos da Europa em 1814 e mais tarde outros povos civilizados assignaram tratados para de commum accordo promoverem a extincção do commercio de negros, e para esse fim estabeleceram cruzadas na costa da Africa.

Apezar, porém, de tantos esforços empregados durante meio século, o nefando trafico não se acabou. Os negreiros arrostavam as prohibições, illudiam o cruzadores, e o commercio de negros, sem embargo de ser considerado contrabando, tornou-se muito floresente!

As seguintes cifras bem demonstram o desenvolvimento de tal commercio em 40 annos, e são calculados desde 1807 até 1847:

Table with 2 columns: Item description and quantity. Includes 'Escravos importados no Brazil', 'nas colonias es-panholas', 'a outros paizes', 'mortos pelos martyrios da viagem', 'capturados', and 'Somma'.

Cinco milhões, quarenta e oito mil quinhentos e seis é o numero de negros roubados à Africa e escravizados desde 1807 até 1847, e desses um milhão cento e vinte um mil duzentos e noventa e nove foram assassinados durante a viagem!

Taes eram os horrores, taes as crueldades que soffriam os pobres negros durante a viagem!

dores, os navios negreiros faziam na coberta divisões de taboas, da altura e comprimento do corpo humano, simulando a propria coberta, e ali mettião os pobres africanos que não podiam mexer-se por falta de espaço, e mal podiam respirar!

A agua e rações que esses infernaes negreiros conduziam eram as restritamente necessarias para evitar a morte durante a viagem.

Nas taes catacumbas eram mettidos confusamente homens e mulheres!

Se ha justiça, se ha lei divina que as acções humanas regule, aquelles desgraçados, aquelles assassinos e abjectos negreiros devem, os mortos, estar no inferno, condemnados a fogo lento e eterno, e os que porventura ainda viverem, estão, ou mettidos na calcêta ou segregados, já não diremos da sociedade, mas dos proprios irrationaes.

Chamamos a attenção de todos os espiritos humanitarios para a esplendida representação do illustrado dr. Balthazar da Silva Carneiro.

Não ha execução de lei possivel desde que contrarie os interesses da escravidão.

A attitudie revolucionaria dos fazendeiros, a ninguém pôde mais illu-riar com a astucia de disciplinas patriarcalas.

Os e republicanos, ligados pela causa commum, que em impelle a união dos amigos da liberdade estimulando-os com o desaire de concorrerem para a victoria dos partidos que lhe são contrarios, se não se unirem com o unico fim de enfraquecer a classe média da sociedade, entre o proprietario e o escravo e como elle, presentemente a soffredora.

O programma dos escravocratas liberaes, com e vadores e republicanos é o arro-ho nas fazendas e o terror policial contra os homens livres.

O dr. Balthazar procedeu com patriotica coragem.

Aguardemos a attitudie com que o receberá a escravidão.

Os abolicionistas devem pensar bem na necessidade de estarem unidos e preparados a bem da defesa commum.

Não temos outra garantia!

Orientação abolicionista

III

Queremos abolição immediata sem indemnisação; ou antes, queremos com indemnisação, sim, que o espoliador indemnisasse o ex-escravizado.

A victima - o escravizado—deve ser indemnizado pelo ex-senhor, que lhe extorquiu tudo, até os bons sentimentos, que usurpou até a consciencia de homem o seu amor proprio, e o transformou em objecto aviltante abaixo do valor de um bom cavallo.

Os escravizados devem ser indemnizados; por isso venha já a abolição. Sejam já declarados livres todos os escravizados existentes no Imperio do Brasil.

Todos os que dessa data em diante, apontarem para um homem e disserem—aquele foi meu escravizado—seja punido por crime de injuria.

Nos documentos officiaes seja expressamente prohibido adoptar-se o titulo de ex-escravizado.

Essa indemnisação moral é a primeira que deve ser dada ás infelizes victimas do escravismo.

A lei abençoada e santa, que declarasse não existir mais escravos no Brasil, deveria reconhecer o direito ao titulo de cidadão brasileiro a todos os ex-escravizados.

Declarar que o ex-senhor passará a desempenhar o papel de contractante e o ex-escravo, o papel de contractado; que é um crime de injuria, verbalmente ou por escripto, em juizo ou fóralle, substituir a palavra contractado por ex-escravo.

Estabelecer ao contractante o direito e o dever de dar trabalho e salario ao contractado, por espaço de tres annos e o tratamento de ente humano, a que tem direito.

Conceder-lhe de comunicar á autoridade designada pelo governo, quinze dias antes, pelo menos, que em tal dia irá apresentar os contractados taes e taes que estão ao serviço, e com os quaes quer dissolver o contracto, desistindo do tempo de trabalho que lhe falta.

Bem entendido, entendemos que deve ser estabelecido ao contractante o direito e o dever de trabalho e salario, embora ao contractado, por

Consideramos uma indemnisação moral, transformal-os em homens livres e laboriosos.

Queremos que a lei os obrigue a trabalhar tres a nos com os contractantes, afim de dar tempo a cogitar-se sobre o destino desses homens, quando terminar o tempo do contracto.

Quando um contractado por lei, pretender pagar a multa estabelecida para os que querem annullar o contracto, deverá indicar qual o local em que pretende ir trabalhar.

Os contractados deverão possuir uma guia passada pela autoridade, contendo nomes e signaes, declarando em que trabalho se occupa, e deverão apresentar a á mesma autoridade para pôr-lhe o visto.

A essa obrigação deverão ficar sujeitos todos os contractados, e até aquelles que legalmente tiverem anullado

o seu contracto; esses, porém, ao apresentar a guia, devem justificar o seu meio de vida.

Pelas idéas que enunciamos, reconhecerão os abolicionistas que consideramos uma indemnisação ensinar os ex-escravizados a amar o trabalho.

O trabalho nobilita o homem, engrandece-o, enriquece-o e santifica-o.

Não queremos que o escravizado tenha a liberdade completa, absoluta, no dia da abolição.

Desde hoje seriam livres; porém, só tomariam posse completa da liberdade, de hoje a tres annos. Neste espaço de tempo de transição, deveriam prestar serviços aos contractantes—ex-senhores.

Antes de tres annos, suavemente, a maioria dos contractados teria se isentado legalmente da prestação de serviço a certos determinados contractantes, e estaria trabalhando livremente, por sua conta e risco, em qualquer parte.

A transição, entre o estado de escravo ao estado de homem completamente livre, parece-nos que seria realizado suavemente pelo estado de homem livre—contractado.

Proseguiremos.

GALNEL.

«La Giovine Italia»

Recebemos, por intermedio da illustrada redacção do Gli Italiani al Brasile, o periodico da Associação Democratica Bresciana—La Giovine Italia, que se publica em Brescia.

O numero de 20 de dezembro ultimo é commemorativo á morte do grande cidadão italiano Guglielmo Oberdan, e vem acompanhado do retrato, lithographado do mesmo martyr, que subiu ao patibulo pelos desejos que nutria de ver Trieste unida á sua mãe Italia.

O seu heroico sacrificio agitou as fibras do povo italiano e fez tremer de remorso ao governo austriaco.

Por intermedio da redacção do Gli Italiani al Brasile, agradecemos á ASSOCIAZIONE GIOVENTU' DEMOCRATICA BRESCIANA a offerta do seu jornal.

Recebi a seguinte carta de um escravidão

do Sr. João Ferraz de Campos Souza.

IMPERIAL SENHOR!

Não é um ir reverente quem ora vem solicitar a attenção de Vossa Magestade Imperial, e perturbar-lhe o repouso.

Não, Senhor! É um subdito fiel, e um monarchista convicto, quem a Vossa Magestade Imperial se dirige neste momento, e vem lembrar a Vossa Magestade, que a patria, em soffrimento, reclama a paternal solicitude de Vossa Magestade Imperial.

SENHOR!

A nação inteira constitue, na actualidade, Vossa Magestade Imperial o supremo arbiter na solução do problema da escravidão, neste Imperio. Na solução desse problema, tuam tuam, de envoltos, interesses, odios, paroxes, preconceitos,

RODA-PÉ

Linhas em prosa

III

Os pombinhos

AO MEU SOBRINHO JOANNITO

Era uma vez uma pomba e um pombo, ambos muito branquinhos, d'uma brancura de neve.

Que gosto não era vel-os a bicarem-se tão contentes e com uns arrulhos tão ternos, tão ternos!

Como isto sabia-me bem, e como sentia eu pruir-me peito a dentro essa ave—a ternura, asseada por esse soberano—o amor!

E a muita bondade que essas columbinas mostravam, enchia-me a alma de tantas ondas de affectos, de tantas, tantas!

Oh! que nem em mesmo sei dizer como a gente pode ainda sentir umas cousas dessas, tão raras já, já tão fóra de uso!

E os pombinhos voavam matto a fora, esgaravata uma palhinha aqui, esgaravata out a acolá, voltando depois ao ninho, sempre alegres, sempre e sempre com uns arrulhos tão ternos, tão ternos!

e, o que mais é, a dignidade e honra de nossa querida patria, que, a final, se salvará illesa pe'a Mão Soberana de Vossa Magestade Imperial.

SENHOR!

A lei de responsabilidade que é de todo nulla, para aquelles que, em nosso paiz, se revestem de uma parcella de autoridade social, não é para Vossa Magestade Imperial que, em seus actos soberanos, tem a mais vasta responsabilidade moral, perante o mundo illustrado que o contempla, e perante a Historia em seus juizos inflexiveis, no futuro.

Medi, pois, SENHOR! e exercite o vosso poder, pela extenção desmarcada de vossa responsabilidade.

Acceptar esta, IMPERIAL SENHOR! sem exercitar aquelle é um contrasenso, ou um martyrio a que se submete Vossa Magestade Imperial;—martyrio, a que se não pode sugar, sem o completo sacrificio de todos os interesses nacionaes, que jurou defender e guardar.

Hi muitos annos, SENHOR! a civilisação universal carecia de sua força de culpa, a Vossa Magestade Imperial, o crime de escravidão neste Imperio. E ce to, porém, SENHOR! que reinar sobre a terra-na que obriga os povos a invocarem sempre a democracia, com a república, como a derradeira salvação de sua dignidade.

IMPERIAL SENHOR!

Desculpae a rudeza da linguagem, e a franqueza de pensamento, a quem ha muitos annos, comprou o direito, de pensar e se exprimir livremente, nada querendo do povo,—nada solicitando do rei, nas devendo a ambos a verdade, mesmo á custa do soffrimento.

SENHOR!

No dia onze de Dezembro do anno passado, em m-noscabo de todas as leis divinas e humanas, um homem de nome Samuel, escravidão do capitão João Ferraz de Campos Souza, foi, por este, acotado nas nadezas a bacalhau,—após queimado nas mesmas partes, e suas feridas lavadas com agua salgada. O facto deuse neste municipio, e em fazenda, nas cercanias desta cidade.

O mis ro paciente deste atroz delicto, até hoje jaz no leito, em tratamento, na Santa Casa de Misericórdia de Cambrinas. E' a seguinte a carta que me escreveu:

Tem elle por causa lembrar-se o escravidão Samuel, que tinha a mãe, e vir pedir-lhe a sua benção a horas tardas da noite!

Factos como este,—do qual envio a Vossa Magestade Imperial, o corpo de delicto, são communs e quotidianos.

A punição, de tão atroz crimes, é impossivel sem o desaparecimento completo da instituição a que elles se filiam. Em face da heilioda instituição servil, —e como para augmentar-lhe o horrido aspecto, e as ulceras gangrenosas que cria, —surge o desrespeito á lei, a impudencia do crime, a selvageria do delicto, e a licão exemplar de que a moral perde o seu imperio onde a liberdade não florece.

Não é mais possivel,—SENHOR! a vida, em um paiz, onde o homem é, ao mesmo tempo, escravo, e com consciencia de sua ignominia!

Leis podem decretar-se em ampa o ao captivo,—ellas hão de sob-sobrar todas na

não sei porque ta-bem persegue sem cessar as outras avez tas, fazendo nellas uma tal chacinha, que bem mostra os mal lavados bofes d'aquella feia passarola.

Assim que o milhano diviso as avezitas, encolou rapido sobre ellas.

Ao mesmo tempo, porém, o caçador visa o alvo e dispara a mortifera arma, indo a carga se empregar no collo da ave rapace, tão má, tão má e que já estava péga não péga as pobres avezinhas.

Os pombinhos ehiram muito arrufados, mas como estivessem saos e salvos, voaram espaço em fóra e desapareceram no horizonte.

E lá ficou morto o desgraçado milhano, quando já tinha a bocca na feia maleza, quando pensava ir gozar de sua crueldade!

E' que os maus mesmo com os labios na préa a se lograr da sua malvadez, não estão livres de um castigo que os prive desse gozo!

E si ás vezes se repastam nas delicias, é só de passagem, porque verão mais tarde quanto é mau ser mau, porque mais tarde verão como é, bom ser bom.

E nisso está o seu maior castigo.

JOSÉ FELICIANO.

voragem que tudo absorve em nome, e homenagem do senhorio!

A lei, que criou o ventre livre, cavou, ao mesmo tempo, o lago fetido e pestilento onde foi sepultar-se o berço do jugo.

A mãe, que matava o filho em odio e horror ao captivo, transformou-se em testemunha muda e indefesa, da extincção de sua prole, pelo algoz que aproveitou das suas ultimas forças, e do derradeiro alento de seus braços!

A iniquidade da escravidão tentou-se corrigir com a iniquidade da extorção pelo imposto,—pago pelos que não o devem,—para se applicar a insaciavel sede da mais atroz negrophobia.

Po quinze longos annos, larga estrada de assalto abriu-se em direcção dos cofres publicos, para o saque ao fundo de emancipação; e a riqueza fomentada, que fundava-se no captivo, desapareceu, como por sortilegio demonaco, sepultando tudo e todos na miseria material e moral, em que jasemos!

Mais tarde,—aos gritos da indignação nacional—veio outra Lei, pretendendo corrigir os vicios do passado, melhor amparar o captivo,—com efficacia, acantelar as arcas da riqueza nacional.

Debalde!

De que valem leis sem costumes? Onde esies—quando a escravidão? O Estado, consumidor unico no mercado de escravos,—em nome da virtude da redempção dos captivos,—taxou o preço da mercadoria a comprar: a idade veio então regular o valor do animal subtraído do mau trato. Como fiscal, anda sollicito pela salubridade publica, o Estado reservou, para si, o direito de regeitar o genero im restavel ou avariado,—e, como de nenhum valor, e antes nocivo e perigoso, mandou lançar aos logares de despejo publico,—para serem incinerados, os velhos captivos sem mercê, se-quer, para morrerem na terra que haviam ficado fundado com seu suor e sangue!

Que Estado!

Symbolo da justiça, mas, entre nós, como em farça romana, não quiz representar sem mascara. Afivelou a da Caridade Christiã, e deu ao preto, ao martyr invalido do trabalho, o raro direito de mendigar pelas estradas, ou de morrer de fome!

SENHOR!

A todos os seus martyres a humanidade levanta templos, e invoca seus nomes protectores:—A todos os seus grandes homens, as nações agradecidas erguem estatuas e monumentos, como symbolos de sua gratidão, e exemplo ás gerações futuras;—exemplos de gratidão, exemplo de justiça!

lho, e despojado de nome do senhorio!

Eu, christão e catholico, para esses homens que hoje vejo curvados a pedir esmolas, desejaria um tempo onde, a Deus, fosse pedir a remissão das culpas minhas e de meus antepassados. Sobre as cabeças brancas, dessas maninhas negras, eu queria que passassem as aguas inteiras de um Lethes christão, a fazer-lhe esquecer as dores do passado, os soffrimentos corridos, e a bnhar-lhes com balsames, que lhes deliassem todos os ressentimentos. Só assim, o perdão de tantos nossos crimes seculares nos poderia vir de Deus, que nos amaldiçoou, no odio que temos a nossos irmãos que vieram da Africa!

SENHOR!

A vossa lei ordenou que o captivo não fosse acotado: eis, eu vol-o mostrei, como se cumpre a vossa lei.

H je, SENHOR! acota-se, queima-se sob e as feridas do azorrague, e lavam-se estas com agua salgada! E, tudo isto, SENHOR! em meno-cabo á vós, em desdem á vossa sagrada pessoa, em desprezo ás leis que se sabem de vós partir.

Querer SENHOR! que a liberdade conviva com a escravidão é um impossivel. Vosso poder, que vem de Deus, não attinge o do Allissimo.

Dizem-nos os viajantes que, lá nessas extremas paragens do sul, p oximo ao polo, existim ilhas que são altas montanhas, atopetando as nuvens, e sempre cobertas de gelo. Do cume destas montanhas, vulcões sempre accessos lançam aos céos suas lavas de fogo e cinzas: e —maravilha das maravilhas!—nem o fogo derrete o gelo, nem este apaga o fogo, vivendo ambos em harmonia eterna!

SENHOR!

Se Deus, em sua sabedoria e gloria; nas manifestações ás suas caturas, de seu poder infinito, nos quiz dar esse sublime espectáculo, não teniemos imital-o: o castigo será infalivel!

Só ha uma lei de liberdade: E' a liberdade.

Fazer conviver o contraste, de invento humano, é ten ar á Deus.

Hoje, o cidadão que acode aos comicios populares, para eger os representantes da nação, encontra-se face á face com o cidadão manietado, que é conduzido a prisão por ordem do seu senhor, vos

sublito, e que o vilipendia, e a vós tam- bem.

O contraste, de invicto humano, é hor- rível!

A liberdade defronta-se com o capti- veiro; a miséria immerecida com a opu- lencia de origem viciosa; o festum das mesas senhoriaes com a fome das senza- las; o premio á virtude e a remunera- ção; ao patriotismo com o azorrague e o fogo ás mádegas, a um milhão de vossos subditos e compatriotas!

SENHOR!

A fome, a peste, a guerra estrangei- ra, as discordias civis, as dissensões reli- giosas, as tempestades, os terremotos e as mil convulsões da natureza, são ma- les que affligem, desolam, atterram e aca- brunham a humanidade. Solta-os a po- de osi má de Deus, em sua ira e lição.

Mas, SENHOR! que são aquelles flagi- cios, todos passageiros, senão misericor- dias divinas em face da escravidão, que tortura a alma e avilta a creatura a, feita á imagem e semelhança de Deus, e im- posta pelo homem, ao proprio homem seu irmão?

SENHOR!

Vede!

Que horror!

Do vosso capitólio se enxerga o calva- rio de vossos concidadãos!

Basta, SENHOR! basta de martyres e crimes!

Que a vossa mão poderosa faça arraz- ar o calvario, abolindo a escravidão neste imperio.

De Vossa Magestade Imperial Subdito fiel e amigo,

DR. BALTHAZAR DA SILVA CARNEIRO.

Campinas, 6 de Janeiro de 1887.

Visita

«Com este titulo o nosso collega a Gaze- ta Lusitana, de 15 do corrente, dá o se- guinte:

«E teve entre nós o illustrado redactor da «Redempção» de S. Paulo, o sr. Traja- no C. de Macedo.

Na carta p-rianencia que teve nesta côrte e os poucos momentos com que en- treteve relações como eu, tivemos occasi- ão de apreciar-lhe o seu talento e illus- tração a par de um caracter franco e fran- co.

«E nós que não conhecemos esse typo! Temos um collega a fazer viagens e visitas sem conhecimento nosso!

Pedimos aos collegas que tenham cuida- do com essas bilotras.

Si porventura é algum redactor que do estrangeiro vem ajudar-nos, faz mal em andar fazendo visitas sem primeira- mente apresentar as suas credenciaes.

E esta!

Um attentado

Campinas que se condecora com o nome pomposo de capital agricola, quando mais lhe assentaria o de capi- tal negreira.—Campinas acaba de sub- ir no conceito publico mandando in- timar, para que della se retire, um il- lustre e notabilissimo advogado, que tomando a si a defeza dos miseros es- cravidados, incorreu na ira da liga do bacalháu.

Podemos garantir a verdade do fac- to.

Se outros fossem os brios publicos, se a escravidão não tivese corrompido tanto o caracter nacional, a intimativa que Campinas acaba de atirar teria res- posta mais conveniente.

E' inexplicavel contudo o silencio da imprensa republicana...

Decididamente emquanto a reacção se não fizer tremenda, a abo-ição en- contrará em seu caminho resistencias dessa audacia.

Ao governo, se é que o temos, cum- pre garantir a lei, que não foi feita para capacho de fazendeiros mais es- cravos que esses proprios escravidados.

Continuaremos; e, se providencias não forem dadas, porremos os pontos nos ii, dando a cada um a posição mesquinha que assumir, nas des- graçadas emergencias em que nos achamos.

O escravismo, representado pela sua capital, parece atirar a luva da violen- cia ao movimento que caminha. Se amanhã prégarmos a revolução, não se queixem.

Contra o bacalháu...

PROPAGANDA ABOLICIONISTA

Moralisemo-nos...

Agora que o grito de guerra se fez ouvir nos arraiaes abolicionistas, ou antes, nos peitos dos verdadeiros e sin- ceros patriotas é mister que todos aquelles que ainda abrigam no coração alguma scentelha de sentimentos nobres, se congreguem, para assim uni- dos lutarem em prol da regeneração do caracter nacional, deploravelmente abati- do.

E' necessario que os ministros de Christo, dignos desse qualificativo, an- tes de no pulpito procurarem explicar os insondaveis mysterios da religião, esforcem se em infundir no animo dos seus adeptos a verdadeira noção de mo- ral.

E' preciso que os jornalistas ponham de parte, esqueçam-se por algum tem- po d'essas questões de pequena politica, e, escudados na benéfica influencia que a imprensa séria exerce no espirito do povo, façam dos seus jornaes uma fonte donde emanem os mais sãos princi- pios.

E' necessario que todos nós nos ajuntemos em torno da bandeira aboli- cionista, que é a unica que synthetisa a verdadeira moral, a recta justiça, para que, assim attrahidos pelo seu aceno, possamos lutar com proveito

Porque, fallemos francamente, como comprehendemos a existencia de uma verdadeira religião, que se impo- nha aos espiritos, sem que nella se ma- nifeste a verdadeira e sã moral?

Como levaremos ao sério um jorna- lista que, longe de desempenhar crite- riosamente a missão—de educador do povo—arrasta-se cegamente na defeza dos interesse os mais inconfessaveis?

Pos então, vós que vos aventurastes a occupar o lugar de apóstolos da ver- dadeira religião e de educadores do po- vo, podeis vos conservar silenciosos quando se esbulha a uma raça o que ella tem de mais sagrado—o direito de liberdade?

A illegalidade da escravidão se ma- nifesta patentemente, quer em face do direito, quer em face da moral; e, por- tanto, quando se trata de restituir a liberdade a que tem incontestavel di- reito essa infeliz raça, o silencio é um

S Paulo, 14 de Janeiro de 1887.

Roda de bacalháu

Em Campinas, nas fazendas que de- moram nos bairros percorridos pelos quilombolas, está firmado o regimen do terror.

A' simples suspeita de que haja al- gum commercio dos negros da fazen- da com os miseros preto- fugidos, aquelles entram em rovena de bacalháu, sem excepção de nem um escravidado

Eis o estado a que chegou o esclava- gismo.

Por menores, na folha seguinte.

«A Redempção»

O nosso distincto collega da Impren- sa Evangelica nos recebeu do modo mais gracioso possivel.

Transcrevemos o que a nossa presen- ça recordou áquelle distincto collega, o que é por certo um soberbo retrospecto historico da historia da escravidão na America do Norte:

«Recebemos os primeiros numeros d'A Redempção, folha abolicionista pu- blicada nesta capital.

A franqueza e coragem com que esta nova folha em commum com as outras francamente abolicionistas defendem em diversas partes do imperio, os interesses da abolição immediata da escravatura, faz-nos lembrar vivamente dos dias sombrios dos «Cincoentas e Sessentas», na America do Norte, em que o gover- no dos Estados-Unidos achava-se em circumstancias analogas ás do Brazil actualmente, em a questão que preoc-

cupava todos os espiritos era da aboli- ção ou não da escravidão.

Os esclavagistas tinham tomado posse do governo e sustentavam e faziam executar com todo o poder da republi- ca a verhonhosa *Eng Tire Slave Lim*. O grande Webster tinha substituído seu talento em defeza dos escravocratas. Os agente do governo pegavam, em toda parte, não só escravos fugidos, mas homens de cor livres!

Para quem tivesse sangue africano nas veias não havia lei.

Os fugitivos Burns, Sims, e Davids foram arrancados no proprio Boston, o berço da liberdade.

Garrison, Phillips Sumner, Childs, e outros muitos levantaram a voz contra a instituição da escravidão

Formou-se o partido *Free-soil*, creou-se uma litteratura anti esclavagista.. publicou-se e *Cabana do Pae Thomaz*.

Os animos se exaltaram e os clemen- tos combustiveis se accumularam em toda parte, prestes a envolver a nação em grande conflagração. Apareceu John Brown de Osawatomie em *Har- per's Ferry*, e entregou-se á morte certa.

O povo reagiu contra a barbaridade da escravidão e foi eleito o LINCOLN.

A raidez com que então seguiram se os grandes e tragicos acontecimentos era espantosa,

Dias memoraveis são estes, em que se escreveram paginas da historia em um só dia.

O primeiro tiro de Sumpter acedou o Norte, e este se levantou como um só homem em defeza da União. Não havia mais reconciliação possivel.

Cinco annos de sangue em que um nação inteira se cobria de luto. Viuvias, orphans e aleijados em toda parte.

No meio disto, Lincoln faz a procla- mação que constituiu a pagina mais glo- riosa da historia da republica, e mais de 4 milhões de captivos são emanci- pados com um traço da penna. Segue-se então a paz e as emendas XIV e XV á Constituição, garantindo aos libertos do loto os direitos e privilegios de cidadão.

Tão rapidas se passaram estas cou- sas que ainda vivem muitos dos que tomaram parte nelas. Ainda vive a autora da *Cabana do Pae Thomaz*, e faz bem pouco que passou por aqui o autor do *Imperio*.

A historia repete-se e nada se aprende.

Debaixo do regimen esclavagista os nomes de Sumner, Phillips e John Brown eram cobertos de opprobrio. Hoje, porém, a grata republica os col- loca em lugar de honra entre os mar- tyres da liberdade.

Durante a guerra a canção que os soldados do Norte mais cantavam, era: John Brown's body lies mouldering

in the grave But his soul goes marching on, his soul goes marching on.

E na verdade, sua alma vai mar- chando e marchará até á libertação do ultimo captivo.

Amanhã ha de desfazer-se a negra nuvem que hoje escurece o horizonte do Brazil, e a nação inteira se apressará em honrar os nomes de Rio Branco, José Bonifacio e outros muitos que hoje têm a coragem de suas convicções. Saudamos com jubilo *A Redempção.*»

Commenda

Encheu-nos de prazer a grata noticia que deu o nosso collega do *Diario Mer- cantil* que em attenção aos relevantes serviços prestados á colonia portugueza fora agraciado por S. M. Fidelissima com a commenda de Nosso Senhor Jesus Christo o sr. Duarte Rodrigues.

Damos parabens a esse cavalheiro e pedimos ao *Diario Mercantil* que nos conte que serviços são esses?..

O cholera, o terrivel inimigo da hu- manidade, se apossou da provincia de Matto Grosso, constando terem havido já 80 casos fataes.

E' isso; alem da escravidão, cholera- morbus.

Já não chegam os Prados, os Mamorés e os Moreiras de Barros...

Reproduzimos hoje, no *Roda-pé* de nos- sa folha, o inimito conto do nosso collega José Feliciano, *Os pombinhos*, por ter sabido incorrecto em o numero passado. Terão os leitores ossim o prazer de apre- ciar mais uma vez o stylo, a graça e a naturalidade daquelle bellissima produc- ção.

SECÇÃO ESPECIAL

Chronica da Assembléa

Houve no dia 17 a abertura das gal- erias para o povo, e das portas do circo das discussões para os illustres repre- sentantes da lavoura, commercio e obras publicas.

Não faltou casaca propria alugada ou emprestada.

O sr. de Parnahyba leu, em voz baixa e sumida, o seu relatorio que, segundo o parecer do *Diario Mercantil*, é obra prima, parecendo não querer que o *Zé-Povinho* saiba o que se passa pela provincia, governada actualmente pela familia do illustre barão.

Mas, quando s. exc. tocou nas desor- dens de Santos, o illustre fazendeiro fez o papel de caboclo administrador de fazenda, cujo dono está ausente

Tossio, roncou, mastigou o catharro, engoliu metade, o resto deu ás moscas, e depois, em voz alta e sonora, fez o elogio do sr. Lopes dos Ajos como o salvador da lavoura. Fez-nos lembrar um administrador que tinha o fallecido Bento Franco quando tirava conclusões no terreno da fazenda.

O illustre barão, em vespéras de vis- conde, quer introduzir nesta capital o systema da roça.

Na roca, os partidos não se conhe- cem pelos principios, mas sim pelos homens que os dirigem.

O *farrapo* é inimigo do *casquedo* do republicano; o republicano é inimigo do *farrapo* e do *casquedo*, e o *casquedo* é inimigo do *farrapo* e do republicano.

O sr. de Parnahyba, que nunca o vio mais gordo, inimigo capital do preto, não pode admittir que haja abolicionis- tas. Para elle todo o homem deve ser escravocrata, deve esconder escravos do imperador, para este não conhecer que as autoridades fazem das casas, creadas para os ladrões e assassinos, senzalas de fazenda; não deve conhe- cer como parentes os escravos, embora saibam que são filhos de seus parentes; deve tratar com desprezo todos os pretos e mulatos, e, embora livres, devem sempre ser comparados com escravos, e, si eleitores, votarem nos escravocratas, porque o preto e o mulato nasce- ram para servir aos escravocratas, e votar em quem elles determinarem.

Ja se foi o tempo dos *cucas* e dos *pa- pões*.

Os mandões da roça aqui na capi- tal não valem nada.

Só poderão ter receio os tolos e igno- rantes.

Prudencia, amigo.

Com vinagre não se caçam moscas, e, nem os abolicionistas têm medo de gritos com que se costuma conter esera- vos.

Para os pobres de espirito, o reino do inferno.

Chronica de annos

Embora a guns jornal stas idiotas entendam que um jornal deve ser tão sério e conveniente que só, em ultima analyse, traga annuncios e noticias extrahidas á thesoura de outros jornaes, e chamem de pasquim os jornaes como o nosso, que tem a coragem de dizer as verdades esvergalhar os escravocratas, nós entendemos que uma folha de op- posição como a nossa não deve dar treguas áquel es que de bacalhau em pu- nto, esvergalham infelizes que á força são tidos como escravos.

Para bacalhau, bacalhau.

Feita esta observação, que talvez não venha ao caso, mas que no entretanto é bom ficar archivada para constar, diremos que fazem annos: no Amparo, o major Batata; em Campinas, o Anto- nio Americo, o Manecão e Adão Quirino; em Santos, o Belarmino, alfaiate, unico estrangeiro que naquella terra li- vre é negroiro e anda procurando a ne- grinha Caolha; na capital, o preto Lud- gero, o Pernambuco, o Pacau e seu com- panheiro Alfredo, escravo do dr. Aug-usto de Queiroz; em Limeira, Candi- do Serra, serrando de cima por lá e de- baixo por cá; no Monjolinho, Augusto de Camargo, administrador da dita; fi- cando esperados, nesta capital, o Mane- co Toco e Pelotas, abolicionista do Braz; em Campinas, o Souza pela certa, João Murthé e um tal Ortiz, negociantes de escravos.

O João Ferraz de Campos Souza, queimador de pretos, faz annos de tres em tres dias, e o delegado de policia de Campinas faz annos de oito em oito dias.

Chronica negra

Em nosso numero passado, por um engano typographico, como o são todos os enganos que se dão em nossa folha, trocou-se o nome do sr. Candido Serra por Candido Senna.

Está restabelecido o incidente.

Hoje, tratamos de mostrar que não são só esses homens, quasi sempre sem educação e principios que trazem os seus escravos em ferros.

Tambem os titulares gostam de ses enfeites em suas fazendas.

De sorte que em nosso paiz, o nobre se differença do plebeu só em po- der andar de carro puxido por buros gigantes, e nada mais.

Um escriptor antigo, querendo pro- var a superioridade que existia entre o nobre e o plebeu, affirmou que o nobre tinha intelligencia superior á do plebeu, costumes mais apurados, conheci- mentos mais vastos, illustração mais soli- da e variada, devidos a al mentação, pois que, ao passo que o plebeu ali n'tava- se com comidas grosseiras, o nobre in- geria no estomig carne de caca, e igua- rias ex uisitas e delicadas; no entre- tanto, a er verdade o que affirma este escriptor, aqui no Brazil, os nobres alimentam se com carne de burro e feijão mangaló, porque sempre prati- cam actos que os collocam abaixo dos plebeus.

Lá vae obra; Na fazenda do Monjolinho, em Cam- pinas, propriedade do dignitario Souza Barros, estão de ferros os seguintes es- cravos: Pedro, com gancho no pescoço. José, gancho no pescoco.

Ha quinze dias, Mathilde e Severino, depois de bem surr-dos de bolo, foram mettidos no tronco para passarem a noite.

Que spectacul edificante, Santo Deus!

Um homem e uma mulher que não ca- bram casados, passaram a noite em um quarto, presos pelo pé em um im- men-o tronco!

E ainda se diz que a escravidão deve continuar!

E' administrador dessa fazenda Au- gusto de Camargo, que faz annos na secção competente, até que nos conte a historia do ingenho Francisco, que foi tratado no Hospital de P...

uma casa de saúde falleceu.

Thesouraria de Fazenda

A Thesouraria de Fazenda tem-se tornado ultimamente um labyrintho de Creta.

Um papel alli, por mais insignifi- cante que seja a pretensão de qualquer individuo, emmaranha-se por tal modo por aquellas carteiras, que não ha possi- bilidade de ter-se solução alguma; e o governo, parece que mesmo para amolar-nos, manda para cá uns Vitruvius beigu los e impostores que é um Deus nos acuda.

O diabo que carregue tal repartição, onde parece que cada empregado é um barão.

Conta-dor, apesar de ser um dos me- lhores empregados d'aquella repartição, vê se cocto, porque não tem força moral para conter essa troca de beigu los abotarrados, que os srs. Paulino e Co- tegepe, que tambem é cabra, impingem- nos com detrimeto de bons emprega- dos paulistas... e do serviço publico.

Não somos separatistas, e nem fa- zemos distincção en re naciones e es- trangeiros, o muito menos entre pro- vincianos.

Queremos bons empregados e nada mais.

A subscrição *Em nome do Christo* abri- ta pela illustrada *relação d'O Paiz* no dia de Natal, e cujo fim piedoso casa se com os sentimentos religiosos que ani- maram a sua iniciativa, tem recebido de toda a parte, e principalmente da Côrte, innumeradas adhesões

ANNUNCIOS

Chapéus enfeitados, para senhoras, ultimas novidades 10, 12, 14, 16, 18, 20 e 25)

Para meninas, variado sortimento para homens e meninas, o que ha um mais moderno e barato. Vêr para crêr na chapellaria **Velloso Braga** 23—RUA DIREITA—23

GRANDE FUNILARIA

PREÇOS SEM COMPETIDOR

CARLOS WELSEN

36--RUA DO PRINCIPE--36

S. PAULO

Encanamentos de ferro, chumbo, cobre etc. Banheiras de chuva, chuveiros simples, banheiras inteiras e meias. Colloca-se bombas de todos os systemas. Trabalhos em zinco, cobre etc. Torneiras de todos os systemas. Saidas para caixa d'agua. Grande quantidade de obras de folha e tudo mais que pertence a este ramo de negocio. Encarregam-se de qualquer trabalho pertencente a esta arte tanto aqui como para fóra.



A' LA BELLE JARDINIÈRE

Roupas feitas francezas para homens e crianças

COSTUMES COMPLETOS DE CASEMIRA DESDE 40\$

Guardas-chuvas de seda, automatons a 8\$000

Variado sortimento de camisas, ceroulas e meias para homens e meninos.
Enxovaes para casamento, roupas para lucto, grande quantidade de bengalas, preços reduzidos.

Costumes completos de brins a 7\$000. *Haute nouveauté* em lenços de seda. Gravatas plastons a 1\$000 cada uma.

Paletots de seda e palha de seda. Guarda-pós de brim, cretone e palha de seda para homens e senhores. Especialidade em chapéus de palha para os senhores e sobretudos impermeaveis.

A. LINO & COMP.

A' LA BELLE JARDINIÈRE

Telephone, 65--Rua de S. Bento, 30

(Em frente ao Grande Hotel)

Ex-interessado do Bol Diabie

RUA DE S. BENTO, 30

TELEPHONE N. 65

TYPOGRAPHIA UNIAO

11-RUA DA ESPERANÇA-11

Nesta bem montada officina faz-se todo e qualquer trabalho concernente á arte

ANTIGA FABRICA DE BILHARES

DE

Domingos Bertullucci

Premiado na 1ª exposição provincial

Nesta casa encontra-se sempre um completo e variado sortimento de bilhares, e a'ugm-se para sociedades e casas particulares por preços razoaveis

Tambem tem sempre um completo sortimento dos seguintes accessorios: pannos, bolas, tabelas, tacos, sollas, giz etc., etc.

Faz-se qualquer reforma em bilhares velhos com perfeic'õ, assim como se encarrega de mandar para qualquer parte da provincia quaesquer encommendas

18-RUA DA ESPERANÇA-18

S. Paulo

Confeitaria Stadt Coblenz

DE

THEODORO CORDES & COMP.

41-RUA DIREITA-41

Doces de todas as qualidades, chocolate fino, amendoas, pastilhas e caixinhas para as mesmas, pastelaria, doces seccos e crystalizados.

As encommendas são feitas com o maior promptidão e asseio

S. PAULO

8-5

Chalet Felicidade

DE

Casimiro C. Pinto & Comp.

11 C=LARGO DA SÈ=11 C

(CASA COM BANDEIRA)

Bilhetes de todas as loterias

Pagam-se os bilhetes premiados

Satisfaz-se qualquer encommenda para o interior

Fabrica de moveis a vapor

S. LUIZ

Nesta fabrica precisa-se de bons officias marceneiros, torneiros, lustradores e entalhadores. Pagam-se bons ordenados. Trata-se na rua do Conselheiro Furtado, 41, ou na rua do Ouvidor, 19.

5-5

A FIGURA RIS WILHA
Completo sortimento de armarinho, modas e perfumarias
VIEIRA DE CASTRO & SARAIVA
10-RUA DE S. BENTO-10
EM FREMTE AO PA RAFUZO

8-5

Ao Caçador

GASPAR & GONÇALVES

S. PAULO

Estabelecidos com casa especial de ferragens para construções

Caprichoso sortimento de cutelarias de todos os fabricantes modernos

Armamentos tintas e utensilios de pintor

ARMARINHO, PERFUMARIAS E OUTROS ARTICOS DESTE GENERO

PREÇOS SEM COMPETIDOR